Welwitsch,

Amostras de Madeiras

de Angola.

1862.

SYNOPSE EXPLICATIVA

DAS AMOSTRAS

DE

MADEIRAS E DROGAS MEDICINAES

E DE

OUTROS OBJECTOS MORMENTE ETHNOGRAPHICOS

COLLIGIDOS NA PROVINCIA DE ANGOLA

ENVIADOS Á EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE LONDRES
EM 1862

INCLUINDO OS QUE FORAM OFFERECIDOS

AO GABINETE PHARMACOLOGICO DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA

POR

FREDERICO WELWITSCH

Doutor em medicina pela universidade de Vienna de Austria
encarregado da exploração phytographica de Angola pelo governo de Sua Magestade Fidelissima
vogal da commissão de ultramar portugueza para a mencionada exposição

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1862

A synopse que publicâmos foi redigida por occasião da remessa feita para a exposição de Londres das amostras de madeiras, objectos ethnographicos e outros productos de Angola, que haviamos para isso separado das nossas collecções. Na mesma occasião organisavamos para o gabinete pharmacologico da escola medico-cirurgica de Lisboa outra collecção, a de drogas medicinaes, com a indicação das procedencias e uso que d'elles fazem os indigenas africanos. Todos estes apontamentos e indicações foram impressos na *Gazeta medica de Lisboa*, n.os 14, 15, 16 e 17 de 1862, conforme o pedido que nos foi feito por alguns dos professores da escola, á qual haviamos offerecido a collecção das drogas.

Parecendo-nos porém de utilidade fazer uma impressão separada dos nossos apontamentos, os extrahimos da *Gazeta medica*, e é só com algumas alterações de redacção, o que faz objecto da presente publicação.

Não é uma noticia completa a que damos dos objectos enumerados, nem é facil tê-la de similhante fórma em trabalhos d'esta natureza; contâmos porém amplia-la quando houvermos completado a coordenação e o estudo de todos os objectos por nós colligidos na via-

gem de exploração phytographica, que nos foi commettida pelo governo de Sua Magestade Fidelissima, e que executámos nos vastos territorios das possessões portuguezas da africa occidental.

Trabalhâmos incessantemente para conseguir este ultimo resultado de nossos esforços e diligencias, desejando anciosamente corresponder, na commissão que nos foi confiada, ás expectativas da sciencia, ás intenções do governo portuguez e ás esperanças de todas as pessoas que se interessaram por esta tentativa scientifica.

O estudo complementario das nossas collecções africanas, das quaes só a secção botanica abraça mais de oito mil objectos, exige o confronto feito com as collecções analogas nos museus de outros paizes, circumstancia que nos obriga a ir fóra do reino buscar esses auxiliares; contâmos porém regressar em pouco tempo preparado com os necessarios elementos para poder dar noticia de quanto podémos colligir relativamente ás producções naturaes do territorio angolense, e contribuir assim para o conhecimento d'esta tão rica como vasta possessão.

É pois o que publicâmos actualmente um fragmento do que ulteriormente devemos melhor e mais extensamente referir, publicação que assim antecipâmos pelas rasões que foram expostas.

Lisboa, em 20 de setembro de 1862.

Welwitsch.

SECÇÃO I

AMOSTRAS DE MADEIRAS DE ANGOLA

N.ºs 1 ATÉ 52 INCLUSIVE

Amostras de madeiras de Angola

N.º 1 *Calólo.*—Palmeira de tronco elevado (20-35 pés e ás vezes ainda se eleva mais) mui frequente nas margens do rio Cuanza, mórmente no districto de Pungo Andongo. Parece ser a *Phœnix spinosa,* Schum. D'ella se obtem optimo vinho; a madeira, que é mui rija, tenaz e duravel, serve para construcção de casas; as folhas fornecem o material para chapéus, esteiras e outros tecidos dos indigenas.

2 *Mangue do monte* ou *Mangue branco.*—Districto do Golungo Alto. Familia das *Rubiaceas.* Arvore de mediana altura, com 1-2 ½ pés de diametro, muito frequente nas matas virgens dos sitios montanhosos. A madeira é branca, de grão fino, mui densa, duravel, e muito estimada nas construcções de casas e para varios utensilios domesticos.

3 *Trichilia spec.*—Arvore da familia das *Meliaceas,* de tronco elevado e de 2-3 ½ pés de diametro; só se encontra nas matas virgens mais densas do Golungo Alto, Cazengo e Dembos, mas não é frequente. A madeira é rija e duravel. Não consegui saber o nome que lhe dão os indigenas, mas sei que uma especie d'este mesmo genero no sertão de Moçambique é chamada *Mafura* pelos indigenas.

4 *Cosanza.*—Arvore pequena de notavel elegancia, da familia das *Melastomaceas.* Encontra-se sómente nas matas pedregosas desde Pungo Andongo até Songo, e a madeira é estimada pelos indigenas para fabricarem diversos utensilios

de uso domestico e de defeza, como por exemplo cabos de machadinhas, etc.; os fructos d'esta arvoresinha, que são umas bagas azuladas, são comidos pelos indigenas.

5 *Tacula* ou *Hùla* de Golungo Alto.—Arvore de 30–70 pés de altura, e de 2–3 pés de diametro, frequente em todos os districtos montanhosos do interior da provincia, cuja madeira vermelha é muito estimada para obras de marceneria. É uma especie de *Pterocarpus* da familia das *Leguminosas*. Os indigenas fazem um consideravel commercio d'esta madeira, que serve para d'ella extrahirem uma tinta vermelha, que applicam como remedio tonico e para tingir varios objectos de uso domestico.

6 *Mucamba-camba.*—Especie de *Morus* da familia das *Moraceas;* é uma das arvores mais gigantescas dos districtos interiores de Angola, chegando á altura de mais de 120 pés com um diametro de 3–6 pés. A madeira é mui duravel e de facil trabalho; é empregada frequentemente na construcção de casas, para portas, janellas, mesas, etc. Os colonos portuguezes chamam-lhe *Moreira.*

7 *Tacula do Zenza.*—É a mesma especie de *Pterocarpus,* mencionada sob o n.º 5, que se encontra nas matas das planicies do districto de Zenza de Golungo. Dizem que a côr vermelha d'esta variedade é mais fixa e a madeira mais compacta do que a dos districtos montanhosos.

8 *Musalengue.*—Arvore de 15–25 pés de altura e de ½–1 ½ pés de diametro, da familia das *Verbenaceas,* que cresce nas montanhas altas entre o districto do Golungo Alto e Dembos. A madeira é de grão mui fino, alva, compacta e muito propria para obras de torneiro; mas a arvore não é muito frequente e encontra-se em sitios de difficil accesso.

9 *Quiseco* ou *Quisécua* e tambem *Caseco.*—Arvore de mediana altura e de 1–2 pés de diametro, do genero *Milletia* (Leguminosa); cresce nas matas pedregosas de Pungo Andongo. A madeira é amarella, densa, firme e duravel, tendo um cheiro aromatico agradavel; emprega-se em obras de utensilios domesticos e de agricultura.

10 *Mufufutu.*—Arvore de 15–30 pés de altura, e de 1–3 pés de diametro, da familia das *Mimosaceas,* frequente nas matas virgens do districto de Golungo Alto. A madeira é branca na peripheria e mesclada no centro, tornando-se mui propria para obras de marcenaria.

11 *Mufufutu.*—Amostra da mesma madeira (n.º 10), tirada do centro do tronco.

12 *Mungundo.*—Arvore de 15–25 pés de altura e de 1 pé de diametro, da familia das *Clusiaceas,* e como julgo, de um genero novo, que chamei *Actinostigma;* esta arvore é rara e só a encontrei nos sitios mais quentes dos valles profundos de Golungo Alto, sem ter tido occasião de observar qualquer applicação da sua madeira.

13 *Muriambambe (Coffea arabica,* Lin.).—O cafezeiro encontra-se indigena em muitas matas montanhosas de Golungo Alto e de Cazengo, chegando a 20 pés de altura e a ½–1 ½ pés de diametro; mas n'este estado de desenvolvimento já não dá senão uma colheita pouco satisfactoria, e por isso os colonos costumam cortar os cafezeiros velhos á altura de 1 ½ palmo, persuadidos que este decote provoca immediatamente em roda do tronco velho cortado, muitos rebentões vigorosos que já no seguinte anno se cobrem de primorosa novidade. A madeira do cafezeiro é uma das mais compactas e duradouras do sertão angolense, e é muito propria para varios trastes, como cadeiras, mesas, camas, etc., e bem assim para varias obras de torneiro, tomando um bonito e mui duravel polimento.

14 *Moreira (Mucamba-camba).*—Amostra tirada de uma arvore nova da especie mencionada sob n.º 6.

15 *Raiz de Tacula* (vid. n.º 5).—O pó d'esta raiz é sempre preferido ao do tronco da mesma arvore, por conter maior porção de materia corante.

16 *Caseque.*—Arvore de mediana altura, de 1–2 pés de diametro, com o porte do freixo da Europa, da classe das *Leguminosas* (familia das *Robiniaceas).* Esta arvore se encontra frequentemente nos districtos de Zenza de Golungo e Cazengo,

e fornece uma das melhores madeiras de construcção tanto para obras de marceneria, como para instrumentos de uso domestico, da agricultura e para armas.

17 *Quipuculo cafele.*—Arvore de 15-25 pés de altura com um diametro de ½-1 pé, da familia das *Asteraceas* (Compostas) que cresce nas matas virgens dos districtos de Golungo Alto, Cazengo e Dembos, formando um dos maiores ornamentos d'aquellas matas. Como esta arvore não é muito frequente, não observei emprego da madeira d'ella nos districtos mencionados.

18 *Dendo.*—Arvore de 25-40 pés de altura, e de 1-2 pés de diametro, crescendo nas matas virgens as mais densas e sombrias; a madeira é uma das mais fortes, densas, compactas e duradouras das matas de Angola. É uma especie de *Diospyros* (familia das *Ebenaceas);* não desmente a excellencia da madeira, porque todas ou quasi todas as especies d'esta familia se tornam notaveis. A madeira é branca na peripheria, com veios pretos no centro do tronco.

19 *Calusange.*—Arvore de 15-25 pés de altura, com ½-1 ⅓ pés de diametro, da familia das *Apiaceas (Umbelliferas);* encontra-se em todas as matas virgens dos districtos montanhosos do interior de Angola; a madeira não se aproveita, mas sim as folhas da copa, que são applicadas frequentemente, ou frescas em cataplasma, ou em infusão contra tosses chronicas e outras molestias de peito; têem estas folhas um aroma suave e agradavel, conservando-se por muito tempo mesmo nas folhas deseccadas.

Parece-me que esta umbellifera é uma especie nova do genero *Alvardia,* a que chamei *Alvardia arborea.*

20 *Unday* ou *N-Day.*—Arvore pequena de 8-15 pés de altura, com ½-1 pé de diametro, de um novo genero da familia das *Rubiaceas* (grupo das *Gardenias)* que descrevi nos apontamentos sobre a flora de Angola *(Annaes do conselho ultramarino,* n.º 55, dezembro 1858, pag. 579) debaixo do nome de *Decameria Jovis tonantis.*

Esta arvore encontra-se frequentemente nos sitios pedrego-

sos e um tanto seccos dos districtos montanhosos de Golungo Alto, Cazengo, Ambaca, etc., e a sua madeira é com justa rasão reputada como uma das mais fortes, finas, duradouras e proprias para obras de torneiro, assimilhando-se um tanto ao buxo da Europa, pois é de grão finissimo, muito compacta, pesada, e de uma rijeza extraordinaria, e será provavelmente por esta ultima qualidade que os indigenas do sertão angolense a reputam inviolavel dos raios, pondo ramos d'esta arvore como guarda-raios no tope das suas habitações, persuadidos de serem por este meio isentos dos effeitos destruidores das faíscas electricas.

21 *Quibaba.* — Arvore gigantesca do genero *Swietenia* (*Swietenia angolensis*, Welw.) que se encontra nas matas virgens de Golungo Alto, mórmente nas encostas da serrania chamada Alta Queta. Chega esta arvore á altura de 100 e mais pés, e a um diametro de 4–5 pés, sendo a madeira uma das mais estimadas para varias construcções domesticas, trastes, etc., recommendando-se não sómente pelo lustro assetinado e optimo polimento que toma, mas tambem pela longa duração, e não menos pela facilidade do trabalho, offerecendo a este respeito todas as qualidades tão apreciaveis da madeira das *Cedrelaceas*. A casca d'esta arvore, contendo um principio muito amargo, podia mui bem fornecer um succedaneo da quina.

22 *Mucaça-Ncumbi.*—Arvore assás frequente nos districtos montanhosos de Golungo Alto, Cazengo, Dembos, Alto Dande, etc.; pertence ao genero *Carapa* da familia das *Meliaceas,* elevando-se a 30–50 pés de altura com um diametro de 2–4 pés na parte inferior do tronco. A sua madeira é rija, duravel e toma excellente polimento, mas é um tanto aspera para trabalhar.

23 *Calalanza.*—Magnifica arvore de mediana altura, e de 1–2 ½ pés de diametro na base do tronco; cresce (em mediana frequencia) nas abas das serras de Alta Queta em Golungo Alto e de Muxaûlo no districto de Cazengo, sem jamais se encontrar nas planuras elevadas de Ambaca e de Pungo Andongo. Alguns colonos portuguezes chamam a esta arvore *Tacula falsa*,

por se mostrar no centro do seu tronco mais ou menos vermelha ou côr de sangue. Julgo ser uma especie de *Baphia* (Leguminosa) ainda não descripta. A madeira é muito rija, de grão fino, pesada, tomando optimo polimento; quanto mais velho é o tronco, tanto mais largos e mais sanguineos são os veios do seu centro.

24 *Bombôlo.*—Arvore de 30–50 pés de altura, com 2–5 pés de diametro, encontrando-se frequentemente nas matas virgens de Golungo Alto, Cazengo, Pungo Andongo e Malange. É uma especie ainda não descripta do genero *Melia,* que convem chamar *Melia Bombôlo.* A madeira é mui leve, duravel, tenaz e de facilimo trabalho, e por conseguinte muito estimada para varias obras de uso domestico. No sitio chamado Canbondo do districto de Golungo Alto, fabricam-se cada anno milhares de pequenas caixas d'esta madeira de Bombôlo, que depois são transportadas e vendidas pelos pretos em todos os sertões interiores.

25 *Quibaba roxa.*—Esta arvore constitue um dos mais bellos ornamentos das matas virgens dos districtos de Golungo Alto e Cazengo; o seu tronco é sempre direito, e chega não raras vezes a 60 e mais pés de altura, com um diametro de 2–2 ½ pés na sua base. A madeira é quasi sempre, mas não sempre, vermelha ou de côr de sangue no centro, e branca na peripheria; não tive occasião de observar qualquer applicação d'ella da parte dos indigenas. Julgo ser uma nova especie de *Sponia* da familia das *Celtideas.*

26 *Quibaba* do *Mussengue* ou do *Hungo.*—Arvore magestosa de 60–80 pés de altura, e de 2–3 pés de diametro, pertencendo á familia das *Cedrelaceas,* onde deve formar um genero novo, ou ao menos uma secção distincta do genero *Khaya,* do qual differe por suas capsulas constantemente quadrivalves e outros caracteres. Encontra-se, aindaque não mui frequentemente nas matas virgens do sobado Mussengue (districto de Golungo Alto), e com maior frequencia no paiz visinho dos mahungos. A sua madeira assimilha-se muito á da nossa *Swietenia angolensis* (vid. n.º 21), e a casca do tronco merece toda

a attenção respectivamente ás suas virtudes antifebris, como succedaneo das cascas de quina.

27 *Mutune*.—Arvore de 25–60 pés de altura, de 1–2 pés de diametro, do genero *Psorospermum* da familia das *Hypericaceas;* cresce nas matas montanhosas do districto de Golungo Alto, em sitios algum tanto pedregosos; cortado o tronco, larga muita resina côr de sangue, a qual imita perfeitamente a resina chamada sangue de drago. A madeira é assás consistente, duravel e de mui facil trabalho.

28 *Munguengue*.—Arvore de pouca elevação, mas geralmente muito encopada, crescendo espontaneamente nas matas virgens da região montanhosa, e frequentemente cultivada na região litoral, por causa dos seus fructos (munguengos), assás estimados até pelos europeus, e não menos por motivo da agradavel sombra da sua copa e do rapido desenvolvimento d'ella. É uma especie do genero *Spondias* da familia das *Anacardiaceas*.

29 *Mutála-menha*.—É uma das mais vistosas arvores dos districtos montanhosos de Angola, chegando a elevar-se a 60–80 pés de altura com um diametro de 2–3 pés na base do tronco; forma uma especie nova do genero *Milletia* que chamâmos *Mil. speciosa*. Encontra-se esta formosa arvore mui frequentemente nas varzeas ao longo das ribeiras e rios em Golungo Alto, Cazengo, Alto Dande, e não raras vezes tambem na região litoral nas margens dos rios Bengo, Dande, Lifune, Calucala e outros. A madeira é ás vezes empregada na construcção de instrumentos agricolas, pontes, utensilios domesticos, etc., mas não é de longa dura senão quando as obras tenham de estar dentro de agua.

30 *N-caça n-cumbi*.—Arvore da familia das *Meliaceas*, que se assimilha no porte e na qualidade de madeira á que se acha mencionada sob o n.º 3 d'esta enumeração; cresce nas matas virgens dos districtos montanhosos de Golungo Alto e Cazengo.

31 *Mulumba*.—Arvore da primeira grandeza, de 60–80 e mais pés de altura, com um diametro de 2–3 pés na base, for-

mando copas larguissimas em fórma de chapéu de sol. Cresce frequentemente nas matas do districto de Pungo Andongo, e ainda mais frequentemente no Songo e na margem esquerda do rio Cuanza no paiz de Haco e dos quibundos. É uma especie do genero *Pterocarpus*, que chamâmos *Pteroc. meliferus*, porque é principalmente nas flores d'esta arvore que as abelhas d'aquella vasta região estão a colligir o mel e a immensa quantidade de cera, producto principal dos sitios mencionados. Da madeira, que parece ser forte e duravel, não vi applicação nenhuma, a não ser que os indigenas escolhem com preferencia estas arvores, para n'ellas collocar os seus cortiços, os quaes, aindaque espalhados no meio de extensissimas e pouco frequentadas matas, são religiosamente respeitados como propriedade pelos viandantes indigenas.

32 *Mussondo* (mais correcto *Muçondo)*.—Uma das mais magestosas arvores do sertão de Angola, da familia das *Anacardiaceas*, do genero *Spondias*, tomado este no sentido Linneano. O tronco, apesar de não chegar a mais de 30–40 pés de altura, mede não raras vezes 2–3 $^1/_2$ pés de diametro, e a copa mui larga, hemispherica e densissima serve geralmente de tecto protector aos viajantes indigenas, os quaes tambem estimam os fructos d'esta arvore, que em tamanho, fórma e côr imitam a uva ferral de Portugal, aindaque são inferiores em gosto. Não tive occasião de observar applicação alguma da madeira de Mussondo, nem pelos indigenas nem da parte dos colonos portuguezes.

33 *Cafequesu de monte* (tambem chamada *Quisunhunga)*.—Madeira forte, pesada e duravel. Cresce esta arvore nas matas elevadas do sobado de Quilombo-Quiacatubia e vizinhos, tendo o porte de um loureiro. Encontrei-a sómente applicada na construcção de cubatas (habitações) dos indigenas. Pertence á familia das *Sapotaceas*.

34 *Muance*.—Esta arvore, que é uma especie do genero *Zygia* da familia das *Mimosaceas*, constitue uma das mais frequentes essencias das matas virgens do districto de Golungo Alto. Não observei applicação especial d'esta madeira, que é

muito leve e um tanto macia, apresentando por vezes veias roxas ou encarnadas no centro dos troncos.

35 *Quibosa iã mugito.*—Arvore de pequena elevação, crescendo nas florestas densas de Mussengue e outras divisões vizinhas do districto de Golungo Alto, e pertence ao genero *Cordia* da familia das *Cordiaceas*. A entrecasca d'esta arvore é frequentemente aproveitada para d'ella fabricar cordas, as quaes por causa da sua longa dura são muito estimadas pelos indigenas.

36 *Mugongue.*—Arvore de 20–25 pés de altura, com 1–2 ½ pés de diametro, pertencente á familia das *Verbenaceas*, e cresce em sitios pedregosos do Golungo Alto, Cazengo e Ambaca. É d'esta arvore que os indigenas applicam com preferencia a madeira leve, duravel e sonorosa para a fabricação de varios instrumentos de musica, v. g., das marimbas, e para vaquetas dos tambores.

37 *Muzumba.*—Arvore vistosa da familia das *Robiniaceas* (classe das *Leguminosas*), que se encontra em sitios um tanto seccos dos districtos montanhosos orientaes da provincia. A madeira é reputada com justa rasão como uma das mais bonitas, fortes e duradouras de todo o sertão angolense, e a entrecasca é aproveitada geralmente para ligamentos na construcção das habitações (cubatas) dos indigenas. É tão rija esta madeira, que os pretos muitas vezes se servem d'ella para pregar caixotes e outros utensilios domesticos, em logar de pregos de ferro.

38 *Cafequesu.*—Genero visinho ao de *Mimusops* da familia das *Sapotaceas*. Arvore de alto porte e de mui vistoso aspecto, imitando algum tanto um loureiro. O seu tronco chega á ter 2–2 ½ pés de diametro, e a madeira torna-se muito recommendavel para varias construcções domesticas e de marceneria. Cresce nos valles de montanhas schistosas (compostas do mica-schisto) de Golungo Alto, Cazengo e no paiz vizinho dos mahungos.

39 *Muriangombe.*—Arvore pequena da familia das *Capparideas*, descripta por Decandolle debaixo do nome de *Maerva*

angolensis. Encontra-se sómente em sitios seccos e pedregosos da região litoral, desde Ambriz até Benguella, e actualmente já é rara como arvore, aindaque mui frequente em fórma de arbusto.

40 *Quitundo.*—Arvore de pequena altura, mas de mui vistosa e elegante copa, parecendo as folhas quasi prateadas com densas listas assetinadas. Encontrei-a nos districtos de Pungo Andongo e de Huilla, no cume da serra da Xella, e os indigenas affirmaram-me que o carvão d'esta madeira é o mais preferivel na fabricação de pequenos ornamentos de cobre e de ferro, com que elles se costumam enfeitar. Julgo pertencer á classe das *Terebinthinas*, mas não consegui ver fructos bem perfeitos.

41 *Pau Quicongo de Huilla*[1].—É esta arvore que, em sociedade com a chamada «*Nocha* (ou *Noxa)* e algumas *Leguminosas* e *Proteaceas*, constitue principalmente as essencias florestaes das deliciosas planuras de Huilla, no interior do districto de Mossamedes; encontra-se ella mui frequentemente desde o cume da serra de Xella até ás immediações da grande lagôa Ivantâla, formando em alguns sitios por si só extensas florestas cujo aspecto recorda os zambujaes de Portugal. A altura maior a que chega esta arvore actualmente é a de 20–25 pés, com um diametro que raro excede um pé; mas tenho encontrado em varias matas indicios evidentes, que tanto esta, bem como a maior parte das outras essencias florestaes d'esta região elevada, em outro tempo chegaram a muito maior desenvolvimento e dimensões mais voluminosas. São motivos principaes d'este successivo atrazo da vegetação arborea n'estas regiões, não sómente as destruidoras queimadas (incendios das florestas) que os indigenas annualmente no fim do inverno praticam, a fim de fornecerem pastos tenros aos seus numerosos reba-

[1] Achei conveniente distinguir esta especie de quicongo pelo epitheto de quicongo de *Huilla*, por me ter convencido, que debaixo do nome collectivo, quicongo, se encontram nos mercados de Benguella, Loanda e Ambriz, varias outras madeiras aromaticas, cuja reducção scientifica e habitação até agora ainda não tive occasião de verificar.

nhos, mas tambem as repetidas invasões dos munanos, cujos vastos acampamentos sempre são construidos á custa de extensas florestas.

O pau Quicongo é uma especie do genero *Tarchonanthus*, da grande familia das *Compostas (Asteraceas*, Lindl.) em cujo gremio os vegetaes arborescentes, como é sabido, são rarissimos. A madeira d'esta arvore é de uma côr olivacea, tirando ás vezes para a fusca ou fusco-purpurea, e de grão fino, mui compacta e duravel e por conseguinte mui propria para varias obras de torneiro, trastes e outros utensilios do uso domestico, recommendando-se particularmente por um aroma um tanto alcamphorado, e por esta rasão os indigenas servem-se do pó d'ella para infusões tonicas e estomacaes, etc., de maneira que se encontram pedaços d'este pau quicongo, debaixo de varias denominações, em quasi todas as *quitandas* (mercados) do litoral, e fragmentos d'elle pendurados no pescoço de quasi todos os pretos viajantes de Angola.

42 *Maboca*.—Arvore sempre verde de 20 e raras vezes 25 pés de altura, com 1–1 ½ pés de diametro, da familia das *Loganiaceas*, e do genero *Strychnos*, tomado em sentido Linneano; cresce assás frequentemente nas matas de Huilla, e os seus fructos, que os indigenas tambem chamam *Maboca*, e que imitam pela côr e fórma as laranjas, formam na epocha competente parte dos alimentos d'aquelles indigenas, e são mesmo muito procuradas pelos colonos europeus por causa da polpa acidulo-doce e refrigerante, que envolve as pevides. Entretanto devo notar, que nas matas de Huilla ha *duas especies* de Maboca cujos respectivos fructos, aindaque no exterior e até no gosto assás similhantes entre si, differem consideravelmente em respeito á sua influencia na digestão, pois emquanto uma d'ellas, proveniente de arvores de *folhas membranaceas* e *caducas*, são perfeitamente innocentes, a outra especie que procede de arvores *sempre verdes* e de *folhas rijas e coriaceas*, provoca não raras vezes colica e diarrheas. A madeira d'estas arvores é sem duvida aproveitavel para tabuado de pequenas dimensões, mas eu não observei applicação nenhuma d'ella.

43 *Noxa* (ou *Nocha*).—Esta arvore que pertence ao genero *Parinarium,* da familia das *Chrysobalanaceas,* constitue uma das principaes essencias florestaes das extensas e variadas matas do alto-plano de Huilla, sendo sem contradicção uma das mais vistosas e mais uteis arvores de todo o sertão huillense; levanta-se ella a 25-40 e mais pés de altura, com um diametro de 2-3 ½ pés de tronco na base, e gosta de terrenos substanciosos um tanto areientos, mórmente ao longo de ribeiras; a sua copa é larga e a ramificação quasi horisontal, a folhagem é sempre verde, densa, e por causa das folhas de um verde intenso por cima e de côr nivea por baixo, de um effeito extraordinario. A madeira da Noxa é geralmente empregada em Huilla para o fabrico de trastes e outros utensilios domesticos, e quando cortada em estação propria, dá bom tabuado. Mas o que se torna mais proveitoso d'esta arvore, é o seu fructo, pois na epocha da sua madureza uma grande parte da população indigena se sustenta quasi exclusivamente de Noxas, e tanta é a abundancia d'estes fructos nas vizinhanças dos sobados de Lopollo e de Humpata, que os indigenas vem offerecer grandes cestos d'elles aos colonos europeus, pelo baixo preço de 25 até 100 réis fracos cada cento. São estes fructos de tamanho de um pecego pequeno, tendo o caroço voluminoso envolvido n'uma massa farinaceo-polposa, doce e de um particular e mui agradavel aroma.

44 *Unday de Huilla.*—Aqui chamado *Mulâbi.* É a mesma arvore que já foi mencionada sob n.º 20 d'esta enumeração, e juntei mais esta amostra, por ter encontrado esta arvore em maior quantidade e dimensões mais proveitosas nas matas vizinhas á grande lagôa de Ivantala, que fica no caminho de Lopollo para Quilengues.

45 *Mueia* (pronunc. Mu-ei-a).—Arvore de pequena elevação, cujo tronco raras vezes excede o diametro de 1 ½ pés. Pertence á familia das *Combretaceas,* formando provavelmente um novo genero d'esta familia tão rica em vegetaes vistosos entre os tropicos. A madeira é compacta, de grão assás fino, de uma côr amarellada, e de grande rijeza, prestando-se assim á

fabricação de differentes instrumentos agricolas, carros e varios utensilios domesticos. Encontra-se esta arvore em sitios elevados um pouco seccos nos districtos de Pungo Andongo e de Huilla.

46 *Trichostachys speciosa,* Welw. mss.—Arvore sempre verde de folhagem felpuda, de 15–25 pés de altura, chegando o tronco na sua base raras vezes a ter mais de 1 pé de diametro; cresce nas collinas elevadas um tanto pedregosas do sobado de Lopollo (planura de Huilla) em sociedade com varias outras especies da familia das *Proteaceas,* a que pertence. Conforme a opinião do dr. Joseph Hooker devia esta linda arvoresinha formar uma nova e mui distincta especie do genero *Faurea,* descripto ha pouco pelo insigne botanico Harvey, genero porém desconhecido até agora nas regiões tropicaes do continente africano. A madeira d'esta arvore é forte, pesada e duravel, e aindaque não seja de grão muito fino, toma optimo polimento, tornando-se por isso mui propria para embutir e para chapado da marceneria.

N. B. Ha mais tres outras Proteaceas, todas ellas arborescentes, nas matas de Huilla, cuja madeira podia ser applicada ao mesmo fim.

47 *N-panda* ou *Umpanda.*—Arvore de 20–25 pés de altura com 1–2 pés de diametro, da familia das *Cæsalpiniaceas* (classe das *Leguminosas),* que se encontra mui frequentemente nas florestas de Huilla. A madeira é empregada na construcção de habitações e na de varios utensilios domesticos, e a casca empregam-a com proveitoso resultado no curtimento de couros. O gentio de Humpata chama a esta arvore *Mupanda,* entretanto convem observar que d'ella ha 4 ou 5 especies differentes, cuja valia reciproca em respeito á quantidade e qualidade dos principios adstringentes que fornecem, ainda não está bem fixada.

48 *Mirahonde.*—Arvore muito vulgar em quasi todas as matas montanhosas do sertão de Huilla; ella não é de grande altura, nem seu tronco costuma exceder muito um diametro de 1½ pés na sua base; é uma especie do genero *Echinodiscus,* descripto pelo insigne phytographo Bennet, na Flora de Java, pertencente á numerosa classe das *Leguminosas.* A ma-

deira d'esta arvore é compacta, pesada, rija, de grão mediocremente fino, de côr fusco-purpurea, tomando com facilidade um bom polimento, e por conseguinte assás propria para varias obras de uso domestico, instrumentos agricolas e armas, entre as quaes devo citar principalmente as *massas* (porrinhas) de guerra dos indigenas, que pela maior parte das vezes são feitas do coração d'esta madeira. O tronco da mirahonde distilla uma especie de resina de côr sanguinea, que os pretos d'este sertão colligem e vendem debaixo do nome de *Sangue de Drago.*

49 *Figueira brava* dos colonos de Huilla.—Esta linda arvore, que se encontra, aindaque não com muita frequencia, nas matas elevadas do sobado de Lopollo (sertão de Huilla) não é uma figueira como seu porte inculca, mas sim um genero ainda indescripto da familia das *Olacineas,* que designei com o nome de *Hemilobium ficifolium.* A madeira é de grão finissimo, mui compacta, duravel e de facil trabalho, e principia a ser procurada pelos colonos de Huilla para varias obras de uso domestico, que não exigem grandes dimensões, porque a arvore, que costuma chegar a 20-25 pés de altura, só raras vezes adquire um diametro de 1 $1/2$ pés. A folhagem sempre verde e o porte em geral é o da *Ficus Benjamina.*

50 *Bimba.*—Esta arvore, cuja madeira muito se assimilha á da piteira (Agave), cresce com frequencia em sitios pantanosos, e ao longo de rios desde o rio Bengo até ao rio Caroca, o que vem a ser em quasi todo o litoral da provincia de Angola; mas encontra-se mais abundante nos districtos de Benguella e de Mossamedes, onde por vezes chega a constituir pequenas florestas: ella não se levanta a mais de 20, ou quando muito a 25 pés, medindo o tronco na base $1/2$–1 $1/3$ pés de diametro. Julgo ser identica com a que se acha descripta na Flora de Senegambia debaixo do nome de *Herminiera Elaphroxylon* (classe das *Leguminosas,* grupo *Hedyseraceas).* Esta madeira, apesar da sua apparencia estoposa, é bastante tenaz e duravel, e os indigenas de Benguella e de Mossamedes a empregam frequentemente para utensilios domesticos, como camas, escabellos, etc., e mui particularmente para a construcção das jan-

gadas de pesca e de desembarque que são em uso geral nas costas de Benguella.

Não devo deixar de observar, que entre todas as materias recommendadas para fundos das caixas de collecções entomologicas, não encontrei madeira mais propria para este fim do que a das *Bimbas.*

51 *Rodilha de um tronco de cafezeiro,* cortada nas matas virgens do sobado Quilombo-quiacatubia no districto de Golungo Alto (vid. n.º 13 d'esta enumeração).

52 Pratos (gamellas pequenas) feitos da madeira de *Mufumeira,* de que os indigenas de Angola geralmente se servem para suas comidas. São as *Mufumeiras* (nome aportuguezado de *Mufuma,* com que os abundos designam esta arvore) á excepção da Adansonia, as arvores mais gigantescas e corpulentas da Africa tropical, do genero *Bombax,* da familia das *Bombaceas,* crescendo com preferencia ao longo dos rios e ribeiras, adornando com as suas copas magestosas singularmente as paizagens da Africa portugueza. E não sómente estas pequenas gamellas, mas tambem muito maiores para banhos, lavagem de roupa, etc., e quasi todas as canoas, em que se navega nos innumeraveis rios do sertão de Angola, são feitos dos enormes troncos d'estes gigantes da vegetação tropical, que não raras vezes chegam a medir 120 pés de altura, com um diametro de 8–12 pés na parte inferior do tronco. A lã com que estão envolvidas as sementes, é conhecida debaixo do nome de *Suma-uma;* mas não sendo de muita dura e de mui pouca elasticidade, não offerece muito prestimo.

SECÇÃO II

AMOSTRAS DE DROGAS MEDICINAES

DE

PLANTAS FILAMENTOSAS E TECIDOS

E DE

VARIOS OUTROS OBJECTOS MÓRMENTE ETHNOGRAPHICOS

COLLIGIDOS NO SERTÃO DE ANGOLA

N.os 53 ATÉ 140

Os objectos que fazem parte da collecção offerecida á escola medico-cirurgica de Lisboa vão notados com uma estrellinha (*)

Amostras de drogas medicinaes, de plantas filamentosas e tecidos e de varios outros objectos mórmente ethnographicos colligidos em Angola

53–15[1] *Minerio de ferro micaceo,* dos contornos de Cacûlo no districto de Cazengo.—É principalmente d'este minerio (que os indigenas do mencionado districto apanham quasi na superficie da terra, ou extrahem com pouco custo) de que resulta o excellente ferro, para a fabricação de pregos, enxadas, fechaduras e muitas outras ferramentas de uso domestico e agricola, feitas por ferreiros indigenas em Cacûlo, residencia do chefe de Cazengo.

54–16 *Ferro micaceo em pó.*—Encontrei-o nos mercados de Pungo Andongo, aonde os indigenas levam este genero mettido em canudos compridos de *Bambusa,* vendendo-o para servir de areia de escrever. Não consegui saber a procedencia d'elle.

55–17 *Pyrites de ferro* (Golungo Alto).—Encontram-se frequentemente nos sobados de Mussengue e limitrophes d'este districto, resultando da decomposição de rochas mico-schistosas, predominantes n'esta região. O unico emprego que observei d'estas pyrites entre os indigenas, é d'elles se servirem d'estes crystaes em logar de balas de espingardas nas suas caçadas.

*56–18 Pedra *Pemba* (Golungo Alto).—O pó d'este mineral, que se encontra em muitos sitios dos districtos montanho-

[1] Os numeros justapostos são os do catalogo geral da commissão da exposição.

sos e em alguns do litoral da provincia, representa um papel importantissimo na vida social e domestica dos indigenas do sertão de Angola. Pois a maior parte dos remedios, que os pretos applicam, são misturados com o pó de *Pemba;* os feitiços de variadissimas fórmas, enterrados na terra ou expostos em cavernas, consistem sempre na sua maior parte de pó de *Pemba;* as varias pinturas (pontas, listas, circulos, etc.), que se observam nas caras e em outras partes do corpo dos pretos, são todos executados com o pó da pedra de *Pemba;* finalmente serve esta pedra pisada tambem em substituição de cal, pois a maior parte das habitações dos regulos e mais abastados pretos, e não menos as dos colonos portuguezes, no interior da provincia, são caiadas com uma calda feita de pó de pedra de *Pemba.*

*57-41 *Losna de Humpata.*—Esta planta que parece ser uma especie indescripta do numeroso genero de *Artemisia* (*Asteraceas,* Lindl.) cresce mui frequente em todo o sertão de Huilla, e principalmente nas terras de Humpata. Os *principios amargos* e *aromaticos* que caracterisam as artemisias, encontram-se n'esta nossa especie notavelmente pronunciados, e a *infusão* d'ella poderá ser empregada com vantagem como *tonico* e *estomacal* na convalescença das febres paludosas, e *o pó* na medicação anthelmintica, mórmente das creanças, conforme ao que eu por vezes com bom resultado experimentei durante a minha estada em Huilla.

*58-42 *Cachinde-Candange.*—É este vegetal um arbusto de 5-7 pés de altura, em exposições favoraveis, como por exemplo, na *serra de Guinga,* mais conhecida debaixo do nome de *pedras de Guinga,* districto de Pungo Andongo, mas apenas alto 1 pé, pouco mais ou menos, nos limites do circulo equinoccial em Huilla. Parece ser o typo de um novo genero de *Amentaceas,* que designei nos meus apontamentos sobre a Flora angolense com o nome de *Myrothamnus.* Todas as partes d'este arbusto, e particularmente os raminhos e as folhas, contêem uma resina de um cheiro muito agradavel e similhante ao que se observa em certas Myricas. Applicam os

indigenas do sertão de Pungo Andongo os raminhos d'este arbusto sob a fórma de infusão (fria ou quente) contra cephalalgias, e sob a fórma de perfumações contra dores rheumaticas e ligeiras paralysias; os colonos portuguezes do mencionado sitio tambem têem em grande conta as virtudes medicinaes d'este vegetal, e servem-se dos ramos seccos d'elle em substituição de incenso para perfumar as casas; é provavelmente por este motivo que os colonos dão o nome de *Alecrim das paredes* a este arbusto, que no seu porte mui pouca ou nenhuma similhança tem com o alecrim de Portugal.

*59–43 *Fel da terra, de flor branca.*—Planta herbacea annual, mui frequente nos prados um tanto humidos e elevados do sertão de Huilla. É um genero ainda não descripto da familia das *Gentianaceas,* que no manuscripto da Flora huillense designei com o nome de *Adenopogon Stellarioides.* Este genero deve ser collocado vizinho ao da *Swertia,* do qual se approxima nos caracteres, emquanto no porte imita as especies do genero *Ophelia.* Todas as partes d'esta planta são muito amargosas. Os indigenas não fazem applicação nenhuma, nem mesmo dão um nome particular a esta herva, a qual não obstante isso eu reputo em tudo igual ou mesmo superior em qualidades medicinaes ao *Fel da terra da Europa,* e a outras especies usadas d'esta mesma familia.

60–44 *Avenca.*—Esta especie de *Adiantum,* que bastante se assimilha ao *A. Capillus* da Europa, cresce com muita abundancia nas margens sombrias das ribeiras no districto de Golungo Alto, e ainda mais frequente em sitios analogos na serra da Xella (districto de Mossamedes). Em ambos os mencionados districtos os colonos portuguezes applicam-no ao mesmo fim como na Europa o *Adiantum Capillus Veneris* é empregado.

*61–45 *Encotahóte* (N-cotahóte).—É uma das mais frequentes gramineas do sertão de Huilla, que interinamente saudâmos com o nome de *Andropogon stypticus.* Distinguem-se as espigas (ou antes paniculas) d'esta graminea por um cheiro forte, resinoso, aromatico, o qual é persistente durante muitos annos na planta secca, e o pó d'ellas é empregado geralmente

pelos indigenas d'aquelle sertão como estyptico nas hemorragias que se seguem depois do abuso das fumaças narcoticas de *Riamba* (Canhamo), e eu appliquei duas vezes com bom resultado uma ligeira infusão d'ellas em hemorrhagias de utero.

*62–46 *Catete Bulla.*—Planta herbacea vivaz de 4–5 pés de altura, da familia das *Labiadas (Lamiaceas* de Lindl.) do grupo das *Scutellarias,* que cresce mui frequentemente em sitios pedregosos do districto de Golungo Alto. O pó das hasteas tenras e folhas d'esta herva, tomado em substancia ou em infusão saturada, foi-me gabado por vezes pelos curandeiros pretos d'aquella região como um dos mais efficazes remedios em doenças escorbuticas, mórmente da bôca. Eu não tive occasião de convencer-me dos effeitos salutares d'esta applicação.

63–46-A *Barbas de Mulemba.*—São estas barbas as raizes aereas de uma especie de figueira indigena das matas virgens dos districtos interiores de Angola, e tambem frequentemente cultivada em roda das povoações e em Loanda. O cozimento d'ellas empregam os indigenas em febres exanthematicas, diarrhéas e tambem externamente para lavar feridas ulcerosas. A virtude medicinal d'ellas parece consistir n'um principio adstringente em que abundam; a côr natural d'estas raizes, quando frescas, é a sanguinea com um lustro particular, quasi vitreo e o comprimento d'ellas excede muitas vezes 1–1 ½ varas, pendurando-se perpendicularmente dos ramos inferiores das ditas figueiras em fórma de purpureas vassouras.

*64–47 *Fructos e sementes de Sacalaséne.*—Procedem estes fructos de uma especie de *Amomum* (familia das *Zingiberaceas)* assás frequente nas florestas virgens dos districtos de Golungo Alto, Cazengo, Dembos e limitrophes, cujas flores se distinguem das mais especies d'este genero por sua côr amarella. As sementes imitam no sabor e no aroma algum tanto as pimentas pretas, mas são muito menos picantes. Os indigenas usam d'ellas só na falta de outras pimentas, pois elles preferem sempre as de *Dongos de Congo,* que provêem de uma outra especie do mesmo genero, a qual porém sómente encontrei em estado cultivado nos districtos por mim visitados (vide n.º 54).

*65–48 *Sabongo* (fructos de Sabongo).—Droga aromatica, que os indigenas de Hungo, terra limitrophe do districto de Golungo Alto, trazem aos mercados de Loanda, onde é muito procurado da população preta que d'ella prepara varios remedios estomacaes. Apparecem estes fructos sempre enfiados em fórma de rosario, e cada rosario é vendido por 50–150 réis fracos, conforme a maior ou menor abundancia d'elles no mercado. Parecem ser os fructos de uma arvore da familia de *Connaraceas,* mas não se me offereceu occasião de verificar a procedencia d'elles, affirmando-me porém os mahungos, que é uma arvore grande e mui frondosa que os fornece.

*66–49 *Fructos de Butua* (semente de Butua).—Vid. n.º 69.

67–50 *Raizes e caules de Butua.*—Vid. n.º 69.

68–51 *Tronco da Butua.*—Vid. n.º 69.

*69–52 *Secção transversal de um tronco de Butua.*—A *Butua* ou *Abutua,* como é mais geralmente chamada, é uma trepadeira robusta, que se encontra nas florestas virgens dos districtos montanhosos, e particularmente nos de Golungo Alto, Cazengo e Dembos; o tronco d'este arbusto chega não raras vezes a ter 1–1 ½ pés de circumferencia e é de uma estructura muito particular; é uma especie do genero *Cocculus* da familia das *Menispermaceas,* e os indigenas empregam tanto as raizes pizadas, como as folhas, raminhos, casca do tronco e os fructos, em cozimento contra diarrhéas, gonorrhéas e varias outras doenças syphiliticas, mórmente inveteradas, gabando muito a infallivel efficacia d'este remedio, que elles tambem applicam em casos de mordedura de serpentes, e como sudorifero nas constipações. Ha nos districtos de Cazengo e Golungo Alto mais outra especie d'este mesmo genero de *Cocculus,* de que os indigenas tambem fazem uso para remedios, preferindo porém sempre a primeira, por ser, como me diz um curandeiro muito acreditado entre elles, mais resiñosa e mais efficaz nos seus effeitos.

70–53 *Solanum tinctorium,* Welw. mss.—As bagas apresentadas debaixo d'este numero são os fructos de uma especie annual de *Solanum,* chamada *Disñe* pelos indigenas do districto de Golungo Alto, aonde estes se servem do sumo das mesmas,

quando frescas e bem maduras, em logar de tinta de escrever. Ha alguns documentos na secretaria do chefado de Golungo Alto, escriptos com esta tinta roxa, os quaes, não obstante já terem mais de quarenta annos, ainda conservam a côr primitiva.

71–54 *Dongos de Congo.*—Fructo de uma especie de *Amomum* (familia das *Zingiberaceas)* muito estimado pelos indigenas de todo o sertão de Angola, por causa das sementes mui aromaticas e picantes que contêem, e que fazem parte de varios remedios estomacaes, que são de uso geral n'aquelle sertão. Dizem ser muito frequente esta planta nas florestas do interior de Congo; mas nos districtos que eu percorri, não a vi senão cultivada, nomeadamente nas margens do rio Coango. Alguns pretos tambem se servem d'estas sementes em logar de pimenta nas comidas.

*72–55 *Casca de Mucumbi.*—Provêm esta casca de uma arvore de mediocre altura, com o porte de um freixo, pertencente ao genero *Spondias,* da importante familia das *Anacardiaceas;* indigena das florestas virgens dos districtos montanhosos da provincia; encontra-se esta arvore tambem frequentemente cultivada nas vizinhanças de povoações dos indigenas, os quaes empregam o cozimento da casca d'ella contra ulceras escorbuticas da bôca e outros padecimentos causados pelo escorbuto.

*73–56 *Tronco e casca de Molungo.*—É uma arvore pequena mui vulgar nos declives pedregosos dos districtos interiores de Angola, mórmente em Cazengo, Golungo Alto e Ambaca; distingue-se entre todas as mais arvores d'esta região, por sua casca suberosa, imitando a do sobreiro de Portugal, com o qual porém não tem mais nada de commum alem da apparencia do tronco, pois pertence ao genero *Erythrina (Leguminosas),* e como a especie não achei descripta, designei-a com o nome de *Erythrina suberosa.* Tanto a casca d'esta arvoresinha como a raiz d'ella, é reputada pelos indigenas como remedio efficaz na syphilis secundaria, sob fórma de cozimento, attribuindo-lhe as mesmas virtudes que ao cozimento da salsaparrilha.

*74–57 *Fructo de Pepe* ou *Gipepe*[1].—As sementes d'este

fructo são muito estimadas pelos indigenas por causa do seu aroma particular que imita o da *noz moscada*, e de que fazem frequente uso para varios remedios tonicos, estimulantes e estomacaes; rosarios d'estas sementes enfiados encontram-se em todos os mercados da costa de Angola por preços insignificantes, quando chegam as caravanas do interior, mas muito mais caros em outras epochas. Procedem estes fructos de uma das mais vistosas e corpulentas arvores do interior da provincia, ornamento singular das florestas virgens de Golungo Alto, Cazengo, Alto Dande e Dembos; é a *Monodora Myristica* de Dun. (familia das *Anonaceas).* Mais informações sobre esta interessantissima arvore encontram-se nos meus *Apontamentos sobre a Flora de Angola,* pag. 587, n.º 44.

*75-58 *Casca de Quibaba* (ou *Quibaba da Queta).*—Procede esta casca de uma arvore gigantesca das matas virgens de Golungo Alto, de que se acha uma amostra de madeira na collecção das madeiras de Angola, debaixo do nome de *Swietenia Angolensis,* da familia das *Cedrelaceas.* As qualidades medicinaes d'esta droga não parecem differençar-se muito das da casca de quina, e merecem toda a attenção dos pharmacologos. *Quibaba* deriva-se de *quiba,* o que significa *casca.*

76-59 *Gipepe* (Jipepe ou Xipepe) *de Songo.*—É uma segunda especie de *Monodora* (vid. n.º 57) que se distingue da *M. Myristica,* alem de outros caracteres importantes, pela fórma ellipsoidea do fructo; esta arvore, que nunca chega a tamanhas dimensões, como a Myristica de Golungo Alto, cresce no districto de Pungo Andongo e nas terras dos Musongos, sendo as sementes d'ella exactamente da mesma maneira estimadas e empregadas pelos indigenas, como as da especie supramencionada; é a *Monodora Angolensis,* Welw. *(Apontamentos sobre a Flora de Angola,* pag. 587 n.º 43).

[1] Para a exposição de Londres mandei um fructo de gipepe já aberto, e portanto não era necessario irem tambem sementes separadas; mas como o fructo que vae para a escola medico-cirurgica de Lisboa ainda está fechado (integro) vão juntas algumas sementes d'ella (em separado) sob o n.º 74-A.

*77-60 *Casca e fructo de Mulôlo.*—Arvore pequena do genero *Bauhinia*, da familia das *Caesalpiniaceas*, muito vulgar em quasi todo o sertão de Angola, mórmente nos districtos montanhosos de Golungo Alto e limitrophes. A casca é geralmente empregada para cozimentos adstringentes, em casos de febres intermittentes, doenças exanthematicas e para limpar ulceras, e n'este ultimo caso posso eu affirmar por experiencia propria a grande efficacia de Mulôlo. Contém esta mesma casca tambem uma materia colorante, côr de canella.

*78-61 *Casca da raiz de Mubango.*—Esta casca é tirada das raizes de uma arvore mui elegante e de mediocre altura, que se encontra nos sitios um tanto aridos dos districtos de Ambaca e Golungo Alto, e mais frequentemente cultivada em roda das povoações dos indigenas. Parece pertencer ao grupo das *Crotoneas* (da familia das *Euphorbiaceas)*, e o cozimento d'esta casca é empregado pelos curandeiros indigenas como purgante drastico, ou por si só, ou em combinação com o cozimento de raizes do *Mundondo* (vid. n.º 62).

*79-62 *Raiz de Mundondo.*—É fornecida esta raiz por uma linda trepadeira da familia das *Asclepiadaceas*, que cresce nas florestas densas de quasi todos os districtos montanhosos, desde o Alto Dande até á serra da Xella, e cujas folhas cozidas e temperadas com azeite ou manteiga, dão um saboroso substituto de espinafres, de que usam tanto os indigenas como os colonos portuguezes. As hasteas mais delgadas d'esta trepadeira convenientemente maceradas fornecem excellentes filamentos para cordas, etc., e as raizes da mesma, que se distinguem por um aroma particular persistente e por um sabor doce e mui agradavel, são empregadas pelos indigenas, em fórma de cozimento, como purgante ligeiro (resolvente) contra tosses e outros padecimentos de peito. O sabor d'esta raiz mastigada imita perfeitamente o do alcaçuz da Europa, e por isso chamam-lhe os colonos portuguezes *alcaçuz do mato* ou *alcaçuz bravo*.

*80-63 *Quibaba de Mussengue.*—Procede esta casca de uma grande e formosa arvore, que é um dos maiores adornos

das florestas primitivas do districto de Golungo Alto, mórmente nas terras do sobado de Mussengue. Julgo dever considerar este vegetal como um novo genero da familia das *Cedrelaceas,* o que já indiquei nos meus *Apontamentos sobre a Flora Angolense,* pag. 587, descrevendo-o debaixo do nome *Garretia Anthotheca.* Esta casca parece ter as mesmas qualidades medicinaes que a mencionada sob n.º 58, distinguindo-se entre todas quantas encontrei e examinei no interior de Angola, por seu sabor amarguissimo, e por isso não posso deixar de a recommendar ao exame ulterior dos pharmacologos. Os exemplares aqui apresentados foram apanhados nas florestas do sobado de Mussengue (districto de Golungo Alto), no inverno de 1856.

*81-64 *Casca de Musuemba.*—Empregam esta casca tanto os indigenas, como os colonos europeus do districto de Golungo Alto para cortumes, reputando-a mais efficaz do que todas as mais que fornece aquelle sertão para fins analogos. A arvore de que a tiram os indigenas é frequente em alguns sobados do mencionado districto, e pertence á familia das *Mimosaceas,* parecendo-se no porte e na fórma e côr das flores um tanto com a *Acacia Julibrissin* do Oriente.

*82-65 *Casca de Musoso.*—Procede de uma especie de *Acacia* (familia das *Mimosaceas),* arvore pequena e frequentissima em sitios pedregosos do Golungo Alto. Empregam os curandeiros pretos o cozimento d'esta casca em varias molestias de peito, e principalmente contra tosses chronicas.

*83-66 *Pau Quicongo,* de Huilla.

*84-67 *Pó (Serradura) do mesmo pau.*—Sobre a procedencia d'esta droga e sua applicação veja-se o que fica indicado na explicação sobre as amostras da madeira de Angola sob n.º 41.

*85-68 *Raiz de Tacula.*—Sobre a procedencia d'esta raiz vide n.º 5 da enumeração de madeiras de Angola e o numero seguinte.

*86-69 *Pó (Serradura) da Tacula.*—É este pó a droga mais usada entre os indigenas de Angola, e considerada geralmente como a principal panacéa na cura das suas enfer-

midades. Misturado com varias outras substancias vegetaes e mineraes empregam o pó de Tacula tambem na confeição dos feitiços, e para enfeites do corpo. As creanças recemnascidas são frequentemente logo pintadas em todo o corpo com a tinta rubra feita d'este pó, e as janotas entre as mulheres nunca apparecem em dias de festa sem terem os pés pintados com esta mesma tinta, querendo por este modo imitar sapatos ou chinellas. Nos mercados em toda a provincia de Angola nunca faltam alguns paus de Tacula, e todas as differentissimas tribus de aborigenes da Africa portugueza occidental acreditam com a mesma inabalavel fé nas eximias virtudes d'esta panacéa. Pelo que respeita á procedencia, etc. d'esta droga, vejam-se os n.os 5, 7 e 15 nas explicações das amostras de madeiras angolenses.

87–70 *Umpeque* (fructos de).—São os fructos de uma pequena arvore espinhosa, mui frequente em sitios abertos e nas margens de florestas do districto de Mossamedes, desde o litoral até á base da serra da Xella. Pertence esta arvore á familia das *Olacineas (Olacaceas,* Lindl.) e é provavelmente uma especie do genero *Ximenia*. Os caroços dos fructos d'esta arvore contêem uma especie de amendoa muito saborosa, das quaes os indigenas do mencionado sertão espremem um oleo, que empregam no tempero das suas comidas, e bem assim para untar o corpo e os cabellos. Como esta arvore é muito frequente na região supra indicada e de facil multiplicação, convem chamar sobre ella a attenção dos que se dão ao estudo das plantas oleiferas.

*88–93 *Maboca* (fructo de).—Os fructos apresentados n'esta collecção procedem de uma arvore assás frequente em Golungo Alto e no sertão de Huilla, pertencente á familia das *Loganiaceas,* e conforme julgo, ao genero *Brehmia* de Harvey, do qual se encontram 3 ou 4 especies differentes em Angola, entre as quaes a que dá os fructos mais saborosos e saudaveis é a mais vulgar, mórmente no sertão de Huilla, onde na epocha competente (dezembro e janeiro) se póde comprar dos indigenas duas até quatro duzias por um lenço de algodão ou

uma folha de papel branco. Uma amostra da madeira d'estas arvores acha-se inserida na collecção das madeiras de Angola sob n.º 42, onde tambem se encontra mais alguma informação respectiva a este objecto.

89–94 *Masambala branco* (*)[1].—Especie de Sorghum.

*90–95 *Masambala rubro* (*).—Especie de Sorghum.

91–96 *Massango lizo.*—Penicillaria spec.

92–97 *Massango barbado.*—Penicillaria spec.

93–98 *Milho* (Mupungo) (*).—Zea Mays var.

São estas cinco especies de gramineas os cereaes mais geralmente cultivados pelos indigenas do sertão de Huilla, e os quatro primeiros chegam não raras vezes a tão luxurioso desenvolvimento, que o comprimento dos colmos excede 8–10 pés de altura. São semeadas em novembro e madurecem em maio.

*94–127 *Resina de Mubafo.*—Esta resina, que alguns colonos portuguezes tambem chamam *Gomma Elemi,* distilla em grande quantidade de incisões feitas no tronco da arvore *Mubafo,* a qual se encontra nas florestas virgens dos districtos de Cazengo e de Pungo Andongo, e com mais frequencia no de Talamungongo e paizes limitrophes. Applicam os indigenas esta resina, que tem um cheiro particular aromatico, em fórma de emplastro para curar feridas, e a levam tambem frequentemente aos mercados da costa, onde os boticarios e outros colonos a compram a rasão de 100 até 200 réis fracos cada libra (e ás vezes muito mais barato), applicando-a para fins analogos. O fructo da arvore é oleoso, e serve aos aborigenes para temperar varias comidas. O Mubafo pertence, conforme um exame preliminar que fiz de flores ainda pouco desenvolvidas, a um genero vizinho dos de *Canarium* e *Dasylobus* da familia das *Burseraceas,* tão notavel pelo grande numero de arvores balsamiferas e resiniferas que abraça.

95–128 *Gomma copal de Benguella* (Ocote ou *Cocote).* —Este pedaço mui instructivo por causa da impressão que traz da arvore, em que nascêra, foi alcançado na feitoria do

[1] As gramineas que levam uma *, são as mais cultivadas, e parte d'ellas applicada á fabricação de *bebidas fermentadas* pelos indigenas.

sr. Antonio Lopes da Silva, em Novo Redondo, aonde o venderam negociantes indigenas do interior de Benguella, territorio muito abundante n'esta preciosa resina.

96-129 *Gomma copal do Zenza de Golungo.*—Procedem estas amostras das matas arenosas dos *Montes de Mongôlo* no districto Zenza de Golungo, sitio em que este valioso genero de exportação não menos abunda que no territorio de Benguella.

Os indigenas indicaram-me na mencionada localidade, onde estes pedaços foram encontrados na areia, umas arvores da familia das *Caesalpiniaceas* com o porte de Bauhinia, como aquellas, que produzem esta resina, o que eu porém, apesar de repetidos exames, não achei confirmado.

O preço da gomma copal no mercado de Loanda vacilla, conforme a qualidade do genero, entre 2$000 e 6$500 réis fracos por arroba (de 32 libras), e foi quotado em outubro de 1859 da maneira seguinte:

Gomma copal vermelha, 6$500 réis a arroba; gomma copal amarella, 6$000 réis a arroba; gomma copal branca, a 3$500 réis a arroba; gomma copal ordinaria, 2$000 réis a arroba.

A maior parte d'esta gomma é exportada para a America do Norte, e alli empregada na fabricação de vernizes.

*97-130 *Gomma Tragacantho* ou *Alquitiri.*—Distilla esta gomma em abundancia dos troncos grossos de uma especie de *Sterculia* (familia das *Sterculiaceas),* muito frequente em sitios aridos de todo o litoral desde o Ambriz até á foz do rio Cuanza. Os indigenas chamam a estas arvores *Chixe,* e a gomma *Ici ià Chixe,* mas não fazem applicação nenhuma d'ella, a não ser para comer em casos de grande fome. Ella parece-me identica na qualidade á gomma alquitiri do Oriente, e podia ser colligida nos sitios apontados em grande quantidade e com summa facilidade.

*98-131 *Gomma de Muance.*—Procede de uma arvore do genero *Zygia* (familia das *Mimosaceas)* que forma uma das essencias principaes das florestas no districto de Golungo Alto.

Não observei applicação alguma d'ella entre os habitantes do mencionado districto.

Uma amostra da madeira de Muance acha-se na collecção de madeiras angolenses sob o n.º 34.

*99-132 *Gomma de Mubango.*—É produzida esta gomma, singular pela côr e pela fórma que assume, nos troncos da arvore chamada *Mubango* pelos indigenas. (Vide n.º 61 d'esta enumeração.) Vi apanhar por vezes esta gomma pelos indigenas, mas não me foi possivel alcançar uma informação satisfactoria sobre o respectivo emprego d'ella.

100-133 *Sangue de Drago.*—Procede esta resina não de uma *Dracaena,* como é geralmente acreditado em Angola, mas sim de uma especie de *Pterocarpus,* arvore da familia das *Leguminosas,* muito frequente nas florestas do sertão de Huilla, e bem assim nas do districto de Pungo Andongo. Os indigenas da Huilla chamam a esta arvore *Mirahonde,* e os do territorio de Pungo Andongo designam-na como o nome de *N-gillasonde.* A resina que distilla em abundancia de incisões feitas no tronco, é de côr sanguinea com um lustro particular, e é empregada pelos indigenas na cura de feridas; mas a maior parte que apanham, levam aos mercados da costa, aonde a vendem aos boticarios e commerciantes sob o nome de *sangue de Drago,* por preços comparativamente baixos, porque não ha grande procura d'este genero.

Veja-se o n.º 48 das informações sobre as amostras de madeiras de Angola.

Observação. Tive occasião de observar em Huilla mais duas especies de arvores d'esta mesma familia, de cujos troncos distilla igualmente uma resina sanguinea, a qual provavelmente se encontra misturada com a que os indigenas vendem por sangue de Drago.

*101-134 *Cabella.*—Consiste esta droga de fructos de uma arvore da familia das *Anonaceas,* que conforme fui informado pelos indigenas do districto de Golungo Alto, cresce assás frequentemente nas terras limitrophes d'este districto, mórmente no territorio de Hungo, informação que é confirmada pela circumstancia de serem sempre os mahungos (isto é, povos de Hungo) que trazem esta droga aos mercados da costa, em fórma

de pequenos rosarios, vendendo por 50 até 150 réis fracos cada um d'elles. Exhalam estes fructos um cheiro aromatico forte e muito agradavel, e as sementes que contêem, bem como todas as partes do fructo, parecem-se no sabor algum tanto com o da pimenta preta. Empregam os indigenas esta especiaria no tempero das suas comidas, bem como na preparação de certos milongos (medicamentos) tonicos ou estomacaes. Não duvido em asseverar, que é uma especie de *Habzelia* que fornece estes fructos, pois encontrei nas florestas virgens de Golungo Alto, e nomeadamente nas matas da serra da Alta Queta, umas arvores pequenas d'este mesmo genero de Habzelia, cujos fructos são muito similhantes aos que compõem os rosarios de *Cabella,* tendo igualmente um sabor piperaceo.

102–212 *Pennas de Marabú.*—São as pennas da cauda de uma grande ave do genero *Ciconia (Ciconia argala* dos ornithologos) que vivem nos morros elevados do interior da provincia, e nomeadamente nos rochedos alcantilados de Kasalla, no districto de Talamungongo, e nos pincaros mais altos de Pedra de Ginga no districto de Pungo Andongo. Os indigenas chamam a estas aves *Humbe* ou *M'humbe,* e fazem caça d'ellas com perigo da vida, pois é sómente nos pincaros mais isolados e de difficilimo accesso, onde os marabús collocam seus ninhos.

O preço d'estas pennas varia muito, conforme a abundancia e a procura d'ellas, e ainda mais em relação ao sitio, onde são vendidas; pois emquanto em Cassange, e mesmo em Pungo Andongo, os pretos as vendem baratissimas, nos mercados da costa muitas vezes não se alcançam senão a 1$000 até 3$000 réis fracos a duzia, o que porém tambem muito depende do tamanho e da limpeza em que são offerecidas. Por emquanto as pennas de marabú ainda não formam um genero da exportação regular em Angola, e são sómente procuradas como objecto de curiosidade por particulares.

103–213 *N-Bungo (caixas de tabaco).*—É de uma gigantesca graminea do grupo das *Bambusaceas,* indigena das florestas virgens do districto de Pungo Andongo, que os indigenas

fazem estas caixas, as quaes são de uso geral entre elles, tanto para tabaco de fumo (as mais largas) como para rapé, que conservam nas mais delgadas. Á graminea que fornece estes N-bungos, chamam os pretos *Quiambungo.*

Os desenhos com que são enfeitadas estas caixas, e que os indigenas executam com um *prego,* ou uma *faca em braza,* não deixam de ser interessantes e significativos relativamente á origem d'estes povos, poisque a maior parte d'estes enfeites revelam uma analogia, e até mesmo certa homogeneidade com as figuras que se encontram nos monumentos do antigo Egypto.

Junto a estas caixas vae tambem uma hastea florigera do Quiambungo.

104–214 *Crina de rabo de Elephante e obra* (diadema ou fita frontal) *da mesma.*—Os indigenas do districto de Pungo Andongo distinguem-se entre os mais pretos do sertão de Angola pela habilidade e bom gosto com que executam estes enfeites.

105–215 *Peneira feita de Súbi.*—Estas peneiras são em geral uso entre os povos dos districtos montanhosos de Golungo Alto, Ambaca, etc., na fabricação de *Fuba,* que é a farinha mais fina que se prepara da raiz de Mandioca.

Tambem este traste domestico dos povos de Angola lembra pela sua fórma uma origem egypcia; sobre o material, de que é feito, veja-se o n.º 241 d'estas explicações sob o nome *Súbi.*

106–229 *Filamentos da palmeira Bordão.*—São preparados estes filamentos dos foliolos de uma especie do genero *Raphia* (familia das *Palmeiras* ou *Phœnicaceas),* que cresce em abundancia ao longo das ribeiras nos districtos de Golungo Alto e Dembos, e bem assim nas margens dos rios Dande, Cuanza e outros, e que se podia chamar *Raphia textilis,* pois um avultado numero de variadissimos tecidos, que os indigenas fabricam para seu uso domestico e para commercio, justifica esta denominação; d'esta palmeira os pretos não costumam tirar vinho, como no Congo da *Raphia vinifera,* da qual a especie de Golungo Alto tambem se distingue por varios caracteres carpologicos. Os filamentos do Bordão, que os indigenas chamam *Jimbusu,* consistem do epiderma da *face inferior* das

foliolas, as quaes só quando ainda frescas, se prestam á tiragem da dita cuticula, cujas fitas depois de meio-seccas, são então desfiadas com alfinetes, ou outros instrumentos ponteagudos, a fim de se tornarem aptas á fabricação dos differentes tecidos, os quaes os indigenas chamam obras de *Mabella*. (Vid. n.º 233.)

107–230 *Mateva do Porto Pinda com os fructos da mesma.* —Esta magnifica palmeira cresce em abundancia nas varzeas junto ao rio Caroca, no interior do Cabo Negro (districto de Mossamedes).

Considerâmo-la como uma especie ainda indescripta, designando-a com o nome de *Hyphaene Benguellensis* em opposição á *Hyphaene Guineensis* ou *Coriacea*, que tambem é chamada *Mateva* nas terras de Congo e Angola, aonde cresce, e da qual se distingue pela fórma exactamente espherica dos fructos e outros caracteres importantes.

As lacinias d'estas folhas podem servir para fabricação de cestos, chapéus ordinarios, esteiras, etc., da mesma maneira como as folhas da Mateva de Angolá são empregadas.

108–231 *Alforge dos indigenas, feito da entrecasca do Imbondeiro.* (Vid. n.º 108-B).

108–B *Corda feita da entrecasca do mesmo.*— *Imbondeiro* chamam os colonos portuguezes da Africa tropical á *Adansonia digitata,* derivando-se esta designação portugueza do nome *N-Bondo,* que dão os indigenas a esta mesma arvore de enormes dimensões e vulgar em quasi todos os districtos das regiões litoral e montanhosa de Angola. (Vid. o numero seguinte.)

109–232 *Entrecasca do Imbondeiro.*—É facil e mui simples a maneira de preparar esta entrecasca; tira-se do tronco, depois de ter feito as competentes incisões em circumferencia do pedaço destinado ao preparo, a casca em laminas de 3–5 pés de comprimento sobre 2 ou 3 pés de largura, o que por causa da brandura esponjosa da mesma, facilmente se consegue; depois de uma breve maceração ficam as laminas expostas ao sol, para um tanto enxugarem, e são depois batidas em ambas as faces, até que as partes estranhas ás camadas fibrosas se separem, e appareça a entrecasca limpa, a qual então,

ficando em laminas inteiras, serve para sacos de conducção de carvão, de fructos ou tuberculos, de algodão, etc., ou é desfiada e empregada na fabricação de varios utensilios domesticos, como cordas, redes, alforges, etc.

Todo o algodão que chega do interior da provincia ao mercado de Loanda, d'onde actualmente já se exportam muitos centenares de arrobas, é ahi conduzido em sacos da *entrecasca do Imbondeiro*, bem como a maior parte da gomma copal e da urzella é transportada em involucros do mesmo material, que talvez, sendo convenientemente tratado, tambem se prestasse á fabricação de papel grosso ou de outros artefactos analogos.

110–233 *Obras de Mabéla (ou Mabella) de cores.*—Vão 12 peças feitas de filamentos de Bordão. (Vid. os n.os 229 e 234.)

111–234 *Mabéla branca.*—Vão 2 peças feitas de filamenmentos de Bordão.

Tendo já informado sobre a procedencia dos filamentos de que se tecem as varias sortes de *Mabéla* (vid. n.º 229), restame agora indicar as materias primas de que os indigenas se servem para tingir os mesmos filamentos.

Costumam preparar a tinta *rubra* ou *côr de laranja* das sementes de *Urucú (Bixa Orellana)*, tingir de *amarello* com o sumo da raiz da *Açafroa (Curcuma spec.)*, e empregam para tingir de preto uma *especie de lodo*, que apanham nas margens de ribeiras, o qual, como presumo, deve a sua propriedade colorante ás particulas ferruginosas, que contém em combinação com o acido tannico de numerosas plantas herbaceas do genero *Jussiéva*, que abundam nas margens de quasi todos os rios da provincia de Angola.

O preço d'estas Mabélas é de 25 até 50 réis fracos cada peça, quando brancas, e de 100 até 150 réis, quando lavradas ou de cores; mas estas ultimas apparecem só raras vezes nos mercados, nem são consideradas como genero de exportação.

112–235' *Fructos de Bordão.*—São os fructos da palmeira, de cujas folhas se fazem as Mabélas. (Vid n.º 229.)

113–236 *Cachingas (Barretes) de Sobas.*—Os indigenas

do Golungo Alto e districtos limitrophos fabricam estes barretes, bem como muitas outras obras analogas, e até capotes muito bem feitos, dos filamentos de Bordão. (Vid. n.º 229.)

114-237 *Filamentos do Ananaz.*—O ananaz é geralmente cultivado em toda a provincia de Angola, com excepção do districto de Mossamedes; elle desenvolve-se com particular vigor nos districtos de Golungo Alto, Cazengo e Alto Dande, propagando-se ahi mesmo sem cultura de maneira a formar em certos sitios extensas matas. Mas não obstante isso os filamentos finos, compridos, mui fortes e elasticos d'esta *Bromeliacea* até agora ainda não se aproveitam n'essa provincia, apesar da grande facilidade da cultura da planta e do methodo facilimo de lhe tirar os ditos filamentos.

115-238 *Filamentos da Bananeira.*—A bananeira é notoriamente muito frequente em toda a provincia, e reproduz-se espontaneamente com maxima abundancia.

Por isso os filamentos respectivos podiam ser aproveitados em maior escala do que actualmente o são, pois apenas alguns indigenas os empregam na fabricação de barretes e de mais alguns tecidos para o uso domestico.

116-239 *Filamentos de Mundondo e seu fructo.*—Tiram-se estes filamentos, cuja solidez, elasticidade e lustro se assimilha, se não excede o de linho, das hasteas de uma trepadeira da familia das *Asclepiadaceas;* mas pouco ou quasi nenhum emprego lhes dão os indigenas. (Vid. n.º 62.)

117-240 *Cachinga ou barrete de Soba.*—Feito de filamentos de bananeira. (Vid. n.º 238.)

A fabricação d'estes barretes é quasi a unica applicação que os indigenas fazem dos filamentos de bananeira no districto de Golungo Alto, e mesmo este artefacto não é destinado ao commercio, porque conforme ás leis gentilicas é sómente aos regulos ou sobas permittido o uso de similhantes barretes.

118-241 *Hasteas de Subi.*—Com o nome de *Subi* designam os indigenas de Golungo Alto duas especies de plantas herbaceas, que pertencem ao grupo das *Cannaceas* da familia das *Scitamineas,* e crescem com frequencia nas margens de ribei-

ras em quasi todas as matas virgens do mencionado districto.

Uma d'ellas é sem duvida uma especie de *Maranta*, e distingue-se particularmente pelo singular colorido da face inferior das folhas, sendo uma metade d'ella verde e a outra de côr branca prateada; chamámos esta especie *Maranta discolor;* a outra sorte de Subi parece ser uma especie do genero *Phrynium*.

As hasteas de ambas ellas, quando seccas e desfiadas em tiras estreitas, são frequentemente empregadas pelos indigenas para fabricação de cestinhos, açafates, peneiras e outros utensilios domesticos, para cujo fabrico o *Subi* é considerado como o material mais forte, mais elastico e mais duradouro entre todos quantos offerece o sertão de Angola.

A *Peneira* mencionada sob n.º 215 d'esta enumeração é feita d'este *Subi*.

119–242 *Quibosa.*—Debaixo do nome de *quibosa* comprehendem os aborigenes de Angola varias especies de plantas herbaceas e arbustivas, cujas hasteas ou entrecascas se prestam á fabricação instantanea de cordas. Nos districtos montanhosos do interior designam com este nome tres ou quatro especies de *Triumfetta* (familia das *Tiliaceas)*, de cujas hasteas aproveitam a casca, que é de uma tenacidade superior, para d'ella torcer as cordas grosseiras de que se servem nos seus misteres domesticos. A amostra presente é tirada de uma especie arbustiva de *Triumfetta*, de que os pretos de Golungo Alto geralmente se servem para os indicados fins.

120–243 *Cairo da palmeira Dendem.*—É preparada esta sorte de cairo dos peciolos das foliolas de *Dendem (Elaeis guineensis)*, que é a mesma palmeira, de cujos fructos se obtem o bem conhecido *azeite de palma*, e que cresce com summa frequencia em quasi todo o territorio de Angola e Benguella, com excepção do districto de Mossamedes. Tambem a maior parte do chamado *Vinho de palmeira (Maluvo* dos indigenas) é obtido d'esta mesma utilissima palmeira.

O cairo de Dendem não é empregado pelos indigenas senão para d'elle fazer vassouras.

121-244 *Palha de Calolo e obra principiada d'ella para um chapéu.*—O *Calolo* é uma especie de palmeira *(Phœnix spinosa,* Schum.) que se encontra em grande quantidade nas margens do rio Cuanza no districto de Pungo Andongo, e bem assim, aindaque menos desenvolvida e quasi só sob fórma de arbusto, nas margens do rio Dande, Bengo e Lifune, a pequena distancia da costa; é das folhas d'esta palmeira que os indigenas preparam a chamada *palha de Calolo,* de que fabricam chapéus, cestos e abanos, que depois levam aos mercados de Loanda e outras povpações da costa, vendendo-os por preços insignificantes. Convem aqui observar, que poucos pretos ha, ou talvez nenhum, que não saiba fazer estes chapéus e outros utensilios domesticos com menor ou maior perfeição.

122-245 *Sabugo (Medulla) do Papyro.*—É bem sabido que foi o papyro *(Cyperus Papyrus,* Lin.) de que os antigos egypcios preparavam todo o seu papel, e como esta planta cresce em maxima quantidade nas margens de rios e lagôas de Angola, e se reproduz annualmente com extraordinaria vigor, podia talvez tambem actualmente servir á fabricação de uma sorte inferior de papel, mórmente em combinação com outras substancias convenientes.

Em Angola as hasteas do papyro são empregadas pelos indigenas para cobrir as suas choupanas, e bem assim para d'ellas construir jangadas; os angolenses chamam o papyro *Mabú.*

*123-246 *Lã de palmeira (Ucúcu).*—Procede esta substancia filamentosa do *Elaeis Guineensis,* chamada *Dendem* pelos indigenas; elles obtêem esta lã, que é muito elastica e pouco susceptivel de corromper-se, rapando a camada felpuda com que os peciolos da dita palmeira na sua base se acham revestidos. Emprega-se esta lã para encher almofadas, colchões, etc., tanto no interior da provincia como tambem nas povoações da costa, para onde os indigenas a levam a vender por preços muito baixos [1].

[1] É tão leve este Ucúcu, que uma porção para encher quatro ou cinco e mais colchões, transporta um negro com toda a facilidade.

Tambem esta substancia filamentosa poderia talvez servir de material para fabricação de papel ou de papelão ordinario.

*124[1] *Cola (fructo de Coleira).*—É a *Coleira* uma vistosa arvore indigena e tambem cultivada em quasi todos os districtos montanhosos de Angola. As sementes d'este fructo fornecem as *Colas*, especie de castanha, de um gosto particular, um tanto amargo, de que os indigenas costumam mastigar uma ou duas logo pela manhã, ou só ou com alguma porção de raiz de *Gengibre* ou de *Mundondo* para, como elles dizem, *dar força ao estomago!*

Exporta-se de vez em quando certa quantidade d'estas castanhas de cola para o Brazil, onde este genero sempre acha muita procura da parte dos escravos ali introduzidos da Africa. A arvore que dá este fructo é a *Sterculia cola*, da familia das *Sterculiaceas*[2].

*125 *Riamba (Liamba ou Diamba).*—Esta substancia, que na sua maior parte senão de todo se compõe de hasteas picadas da *Cannabis sativa*, Lin., é avidamente procurada nos mercados pelos indigenas de todo o sertão de Angola, para fumaças narcoticas, que constituem um dos mais perniciosos vicios d'elles, mórmente dos escravos, os quaes sendo dados ao uso de fumaças de Riamba, se tornam quasi completamente inuteis aos seus donos. Cultiva-se esta planta em todos os districtos interiores de Angola, mas sempre em sitios mais ou menos escondidos ou solitarios, para subtrahir as plantações á avidez dos viandantes.

[1] Os numeros d'este 124 até 149 inclusivè designam objectos que não mandei á exposição de Londres, fazendo porém parte da collecção offerecida á escola medico-cirurgica de Lisboa.

[2] A grande apreciação que as castanhas de cola encontram mesmo entre os pretos civilisados de Angola, manifesta-se claramente no seguinte costume: quando um namorado deseja certificar-se dos sentimentos reciprocos da sua amante, manda-lhe meia duzia de colas como presente; se a donzella aceita as colas, está o pacto concluido, e a donzella torna-se *noiva*. D'este costume, que eu já vi praticar mesmo entre gente de *meia côr* em Loanda, deriva-se o proverbio

Quem come cola,
Fica em Angola.

As hemorrhagias de nariz, que são a consequencia mui frequente d'estas fumaças inebriantes, costumam os indigenas do sertão de Huilla cura-las com pitadas de *Encotahote em pó* (vid. n.º 61), com cuja applicação quasi sempre alcançam o effeito desejado.

*126 *Pó de Caseque (ou Caseco).*—Procede este pó aromatico de troncos muito bem seccos de uma arvore de mediocre altura, da familia das *Leguminosas,* que cresce nas matas ralas dos districtos de Ambaca, Pungo Andongo e vizinhos, pertencendo provavelmente ao genero *Milletia.* Applicam-no os curandeiros indigenas mórmente para unguentos tonicos nas cephalalgias nervosas e rheumaticas, quasi sempre misturado com o pó de pedra Pemba (vid. n.º 56).

É o pau de *Caseco* uma droga que se encontra infallivelmente em todos os mercados (ou *quitandas,* como os indigenas os chamam) da costa e no interior, e tenho bastantes motivos para suppor que ha mais algumas outras especies de arvores, fóra da acima apontada, que fornecem em differentes sertões de Angola este pau, e por conseguinte o pó respectivo.

Assim por exemplo vi algumas vezes vender o *pau quicongo* (vid. n.os 41, 83 e 84 d'esta synopse) debaixo de nome de *Pau Caseque* [1]. É quasi desnecessario de observar que os curandeiros indigenas não applicam este medicamento sob fórma de serradura, como n'esta collecção se acha representado, mas sabem reduzir o respectivo pau a um pó finissimo, que alcançam ralando-o perseverantemente sobre uma pedra aspera, methodo este que geralmente empregam, quando querem pulverisar cascas, paus ou raizes a fim de lhes servirem de medicamentos.

*127 *Mucóco.*—Com este nome designam os pretos do Hungo e de Alta Queta (districto de Golungo Alto e terras dos mahungos) uma trepadeira robusta da familia das *Menispermaceas,* a qual no porte se assimilha muito á *Abutua* (vid. n.º 69

[1] Aindaque frequentes vezes os pretos dizem *Caseque,* julgo ser *Caseco* a melhor orthographia, sendo mais conforme com o genio da lingua bunda.

d'esta synopse), e é mesmo uma especie do genero *Cocculus*, mas differente da *Abutua* na fórma das folhas que são cordiformes, e pelo velludo ferrugineo com que são cobertas as hasteas e fructos. A applicação que os pretos fazem d'esta planta, tanto da raiz como das hasteas e fructos d'ella, é exactamente a mesma da *Abutua*, sendo porém esta ultima por elles reputada mais efficaz nos seus effeitos, o que julgo dever-se attribuir a maior porção de resina, que contém esta ultima em quasi todas as suas partes.

*128 *Mùcua*.—Chamam os indigenas *Mùcua* os fructos da *Adansonia digitata* do Linneu, arvore esta, com justa rasão considerada como o vegetal mais caracteristico da Africa tropical.

A *Adansonia* cresce em quasi toda a parte da provincia de Angola, com excepção porém das terras mais altas da região alto-plana (terceira região dos meus apontamentos) do interior, onde as *Sterculiaceas*, em geral, se tornam cada vez mais raras, desapparecendo totalmente n'uma elevação de 4:000 pés sobre o nivel do mar. Os fructos da *Adansonia* offerecem na polpa farinosa que envolve as sementes uma substancia muito proveitosa para a confecção de limonadas de um gosto agradavel e de um effeito particularmente refrigerante em diversas doenças febris. Servem-se os pretos tambem d'estas *Mùcuas* para as suas fumaças de *Riamba*, e bem assim para vasos de agua e de outros liquidos.

*129 *Orucù ou Urucù* (fructos de).—A arvoresinha que dá este fructo é a *Bixa Orellana* do Linneo, da familia das *Bixaceas*, Kunth (ou *Flacourticneas*, de Rich.) indigena da America tropical, mas actualmente vulgarisado pela cultura em quasi todos os sovados dos districtos de Cazengo e de Golungo Alto. Os indigenas chamam este arbusto *Quisafu*, e utilisam-se das sementes d'elle para tingir de *rubro* ou de *amarello* varias fazendas (tecidos) que fazem de folhas de palmeiras; tambem os *Balayos* (cestinhos) de Pungo Andongo, que são feitos da palha de uma especie de *Eleusine*, e formam um dos productos mais estimados da industria do gentio, devem

parte do seu vivo colorido ás tintas preparadas de *Urucú*, quer dizer das sementes de *Quisafu*.

Consta-me que em Inglaterra é importada annualmente certa porção d'estas sementes do Brazil, de que, conforme me affirmaram, os fazendeiros preparam uma tinta para dar uma côr mais viva á manteiga.

Entre os curandeiros pretos dos districtos acima mencionados de Angola, estas sementes de *Urucú* são reputadas como particularmente estomacaes. Actualmente póde-se considerar a *Bixa Orellana* como *perfeitamente aclimatada* em Angola, pois em não poucas localidades dos districtos montanhosos, encontrei-a com viçosa vegetação em sociedade com outros arbustos ou arvoresinhas indigenas.

*130 *Casca do Mungo.*—Com os nomes de *Mungo* e de *Mohambo* designam os indigenas de Angola as diversas especies de *Nauclea (Cinchonaceas,* Lindl.) que se produzem n'aquelles sertões.

Do *Mungo* encontram-se duas especies nas matas de Golungo Alto; uma d'ellas, que forma uma arvore corpulenta, é a *Nauclea bracteosa,* DC., e muito apreciada dos habitantes por causa da boa madeira que fornece para construcção de casas e trastes, e a segunda é uma trepadeira, cujo tronco na sua base tambem chega a dimensões consideraveis. D'esta ultima especie foram tiradas as cascas aqui apresentadas.

Não tive occasião de observar se os indigenas fazem alguma applicação medicinal d'estes vegetaes, mas como é notorio, que as folhas e cascas de differentes especies do genero *Nauclea* fornecem medicamentos adstringentes, julguei conveniente apresentar esta especie da Africa portugueza ao exame dos pharmacologos patrios.

*131 *Balsamo de S. Thomé.*—Procede este balsamo, que é muito procurado na ilha de S. Thomé, por causa da grande fama que tem de curar promptamente feridas e ulceras, de uma arvore de mediano porte, de folhas pinnuladas e sempre verdes; apesar de bastantes diligencias que empreguei durante a minha curta estada na ilha de S. Thomé, não tive a boa for-

tuna de encontrar a respectiva arvore do balsamo, nem com flor nem com fructo, e assim sómente posso dar uma opinião approximada da respectiva collocação d'ella no systema natural. Parece-me não ter duvida que a *Arvore de balsamo* pertence á familia das *Burseraceas* de Kunth, ou *Amyrideas* de R. Br., familia essencialmente distincta pelos succos resinoso-aromaticos que distillam; de mais a mais o porte da arvore e a configuração das folhas colhidas na ilha de S. Thomé corresponde mui soffrivelmente com varias outras arvores já bem conhecidas da familia das *Burseraceas.*

*132 *Gomma arabica.*—Encontra-se esta especie de gomma arabica n'uma arvore do genero *Acacia* (familia das *Mimosaceas)* que habita os sitios montanhosos e aridos do interior do districto de Mossamedes; os pretos que percorrem estes sertões em procura de urzella, costumam tambem colligir ao mesmo tempo uma certa porção d'esta gomma, da qual já por vezes se têem exportado pequenas quantidades, tanto de Benguella como de Mossamedes.

A amostra n'esta collecção apresentada foi apanhada no concelho de Bumbo, que fica a leste de Mossamedes, no caminho d'esta villa para a Huilla.

*133 *Gomma elastica de Hungo.*—É tirada esta especie de gomma elastica de uma arvore que cresce nas terras do Hungo e sovados vizinhos d'este reino, onde os indigenas a chamam *Mupapata.* Trazem os pretos de Hungo (mahungos) esta gomma sempre na fórma de bolas de differentes tamanhos, cuja qualidade, como genero de commercio, depende principalmente da maior ou menor limpeza com que á apanhada.

Conforme a explicação que os indigenas me fizeram da arvore que fornece esta gomma, ella parece ser uma figueira de folhas largas e mui lustrosas, o que se me torna tanto mais provavel, por me ter sido indicado tambem uma especie de Ficus, que se parece muito com a *Ficus elastica,* e cresce nas matas da serra da Xella, no districto de Mossamedes, como aquella arvore que dá a gomma elastica. Entretanto é muito para suppor que o gentio tire esta gomma não só de uma, mas

de diversas especies de figueiras, que abundam em todos os sertões de Angola.

*134 *Gomma elastica de Golungo Alto.*—O vegetal de que eu vi tirar a gomma elastica apresentada sob este numero, é uma viçosa trepadeira arborescente, que se encontra frequentemente no sovado de Quilombo-Quiacatubia, situado na fronteira do districto dos Dembos. Os troncos d'este arbusto trepador chegam a ter 3–4 pollegadas de diametro, e distillam de cada ferida ou incisão, que se lhes faz, uma consideravel quantidade de leite, o qual logo se coagula em gomma, tomando uma côr fusca. Os indigenas de Golungo Alto chamam tanto o arbusto como a gomma d'elle *Licongue,* e trazem de vez em quando pequenas quantidades d'esta aos mercados da costa, onde porém até agora ainda não tem encontrado bastante procura[1].

*135 *Gomma de Cajueiro.*—O Cajueiro *(Anacardium occidentale,* Lin.) é frequentemente cultivado em quasi todos os districtos de Angola, e os seus bellos e mui singulares fructos (Caju) abundam na epocha competente nos mercados da costa, desde Ambriz até Benguella.

A gomma que distilla em grande quantidade dos troncos d'esta arvore, e que na India e outras terras é aproveitada para vernizes, em Angola ainda não achou a devida apreciação, nem é considerada como genero de commercio, aindaque podia ser colligida em grande abundancia e de optima qualidade. (Colligida em Pungo Andongo).

*136 *Castanhas de Caju* (de Loanda).—As castanhas de Caju, cujo *pedicello carnoso* forma propriamente o que se chama fructa do Cajueiro ou Caju, contêem uma amendoa

[1] Pertence este arbusto á familia das *Apocynaceas,* e é vizinho aos generos *Vahea, Willughbeia e Landolphia,* os quaes nas obras systematicas, mesmo as mais modernas, ainda não se acham sufficientemente caracterisados para facilitarem a determinação exacta de cada um d'elles. O fructo de Licongue é uma baga grande de casca coriacea muito leitosa, pseudo-bilocular, trazendo as sementes n'uma polpa acidulo-doce e comestivel. As flores são amarellas, as folhas oppostas, coriaceas, lustrosas e sempre verdes.

muito saborosa, e são por esta rasão muito procuradas; mas como o pericarpio abunda n'uma resina liquida muito caustica, é mister recommendar aos que comerem as amendoas, toda a cautela, a fim de não engulir junto com ellas algumas particulas do pericarpio, o que produz immediatamente dores ardentes na bôca e no esophago.

*137 *Fructos de Mutúge.* — Chamam os indigenas de Golungo Alto e dos Dembos *Mutúge* uma das arvores mais gigantescas e formosas das matas virgens d'aquelle sertão, que pertence á familia das *Myristicaceas,* e forma uma nova especie do genero Myristica, que se póde chamar *Myristica Angolensis.* (Welw. in lit. ad H. F. et apont., pag. 554.) É a *Moscadeira Brava* de Angola. Tanto o fructo inteiro como a noz d'esta especie africana são mais pequenas do que os da Moscadeira da India, e não podem tão pouco rivalisar em aroma com esta ultima, mas a noz abunda no oleo, que, conforme me parece, podia ser aproveitado para varios usos domesticos, e talvez tambem na pharmacia.

São estas arvores fecundissimas, e uma só produz muitos alqueires d'estes fructos.

*138 *Cassia fistula de Angola* (Cannafistula).—As numerosas especies do genero Cassia (familia das *Caesalpiniaceas)* formam um dos maiores encantos da vegetação tropico-africana, distinguindo-se a maior parte d'ellas tanto pela belleza da sua folhagem, como pelo brilho singular das suas flores côr de oiro.

A especie que fornece estas vagens cylindricas e compridas de 1 ½–2 ½ pés, é uma linda arvore de mediana altura, que habita as matas um tanto elevadas dos districtos interiores de Angola, e as vagens encontram-se em todos os mercados da costa, onde são procuradas pelos curandeiros pretos não para fazerem parte de algum remedio, mas sim para lhes servirem de instrumento divinatorio nas suas prophecias sobre a origem de qualquer doença, acto este, em que estes habeis embusteiros empregam a mais circumspecta pericia, explorando dest'arte não só o pobre enfermo, mas simultaneamente tambem

os parentes e conhecidos d'elle, porque todos elles têem que receiar de serem apontados ou accusados como causa ou motivo provocador da respectiva doença. Nunca observei emprego officinal nenhum d'esta cannafistula na Africa portugueza, nem se encontra n'ella aquella polpa doce, que contém em abundancia a cannafistula da India.

Observação.—O effeito cathartico das folhas de certas especies de Cassia alcançam os curandeiros pretos de uma infusão saturada das folhas da *Poinciana pulcherrima,* Lin., a qual se encontra cultivada na vizinhança de quasi todas as povoações dos indigenas, tanto no litoral como no interior da provincia.

*139 *Cassia fistula de Huilla.*—A especie de Cassia, de que são tiradas estas vagens, é uma linda arvoresinha que adorna as matas ralas, compostas de *Acaceas, Proteas, Erythrinas, Myrtaceas e Parinarium,* na vizinhança de Lopollo e da lagôa Ivantala, no sertão de Huilla.

Não me consta que os *doutores* indigenas as empreguem nas suas curas, mas tendo observado que a polpa contida nas vagens tem um aroma particular muito pronunciado e um gosto singular quasi *doce-amargo,* julguei conveniente apresenta-las e recommenda-las á attenção dos pharmacologos. As arvores d'esta Cassia são muito frequentes e carregam-se na epocha competente com grande quantidade de vagens [1].

*140 *Caroços da Nocha* (ou Noxa).—A *Nocha* é a fructa espontanea mais abundante e mais apreciada de todo o sertão de Huilla. Procede ella de uma especie de *Parinarium* (familia das *Chrysobalanaceas),* arvore grande, sempre verde e de magnifico porte, de que já dei algumas noticias na synopse das amostras de madeiras de Angola, sob n.º 43, julgando dever aqui sómente acrescentar, que tambem as pequenas amendoas que contêem os caroços, são comestiveis e até muito sa-

[1] Como ainda não tive occasião de examinar flores perfeitas d'esta arvore, designei-a com o nome de *Cassia* sómente pela grande analogia dos fructos com os da Cassia fistula, reservando-me para uma futura publicação a descripção exacta d'este interessante vegetal.

borosas. Em respeito hygienico não ha nada que receiar do uso da *Nocha,* pois tanto os indigenas como os colonos brancos da Huilla consomem na estação propria enormes quantidades de *Nochas* sem a menor perturbação da saude.

*141 *Fructos de Dendem.*— Uma das arvores mais fecundas e mais uteis da zona torrida em Africa, é sem duvida a nobre palmeira de azeite (*Elaeis guineensis,* Jaqu.), cujos fructos são geralmente chamados *Dendem,* e por isso á palmeira mesma muitos chamam *Dendem.* Ella cresce espontanea em quasi todos os logares algum tanto humidos de Angola e de Benguella, mas já não se desenvolve bem ao sul de 14° de latitude S., nem n'uma elevação que exceda 3:000 pés de altura sobre o nivel do atlantico; a sua verdadeira patria são as florestas densas dos districtos montanhosos de Cazengo, Golungo Alto, Alto Dande e Dembos, e as fecundissimas matas do reino de Hungo; d'estas habitações principaes ella desce ao longo dos rios em alguns districtos até o oceano, como por exemplo nas barras dos rios Bengo e Dande, e na margem direita do poderoso Cuanza.

Com esta palmeira a providencia indemnisou os povos da Africa tropical da falta da oliveira, da videira e da amendoeira, pois ella fornece-lhes azeite, vinho e amendoas, e fóra d'isso ainda muitos trastes uteis da vida domestica.

Os cachos fructiferos de Dendem têem a fórma de gigantescas pinhas ovato-pyramidaes, das quaes cada uma contém de 300–1:000 fructos[1]; estes fructos, quando frescos e bem maduros, brilham na mais carregada côr de laranja, variegados de manchas sanguineas, e attrahem assim de longe as vistas dos que visitam os mercados de fructa em Angola. Os indigenas comem estes fructos ou crus ou assados, ou tiram o azeite mediante um cozimento ligeiro. É notorio que o azeite do *Dendem,* que na Europa chamam azeite de palma, forma um dos mais valiosos generos de commercio africano,

[1] Um cacho de *Dendem* que me foi offerecido pelo sova de Bango-Aquitamba em 4 de janeiro de 1855, continha 664 fructos bem feitos e 377 outros menores, menos desenvolvidos ou abortados, o que dá a somma de 1:041 fructos n'um cacho!!

mas o que não é tão sabido é que a cultura d'esta utilissima arvore, que era facilima, na Africa portugueza ainda não chegou a merecer a devida attenção nem da parte do governo, nem dos particulares, e muito menos da parte dos indigenas que não raras vezes estragam as mais bellas palmeiras para d'ellas tirarem algumas garrafas ou cabazes de vinho. O azeite que se tira das amendoas dos caroços de *Dendem* é particularmente procurado nos mercados europeus, e não obstante isso são justamente estes caroços de que menor caso se faz em Angola.

Os pretos do sovado Bango-Aquitamba, no districto de Golungo Alto, que com mais algum esmero tratam d'estes *principes do reino vegetal,* como Linneo as appellida, distinguem differentes variedades da palmeira de azeite, entre as quaes principalmente tres, que vem a ser o *Disombo,* o *Dihóho* e o *Disúe,* merecem particular distincção; e é d'esta ultima variedade *Disúe,* que elles costumam applicar o azeite para fins medicinaes.

* 142 *Amendoas de Disanha.*—Com o nome de *Disanha* designa o gentio do interior de Angola, e nominalmente o da serra de Alta Queta, uma arvore de mediana altura e folhagem sempre verde, da familia das *Artocarpaceas,* cujos fructos, de fórma e tamanho de uma pequena abobora chila, contêem envolvidas n'uma polpa branca e esponjosa uma enorme quantidade de pequenas amendoas ou pinhões, que os indigenas comem depois de cozidos e descascados, e os quaes tambem são aproveitados para confeição de doces e de orchata, emprego a que se prestam muito bem por causa do sabor excellente que communicam as mencionadas confeições. Encontrei a mesma arvore tambem nas matas da ilha de S. Thomé, onde os pretos a chamam *Isa,* e levam as ditas amendoas frequentes vezes ao mercado, onde são consideradas e compradas como alimento.

* 143 *Cambundo.*—Com este nome designam os indigenas de Angola, e mesmo os pretos em Loanda, uns rosarios feitos dos fructos lapideos e esmaltados de uma graminea *(Coix Lacryma,* Lin.) aos quaes o gentio attribue virtudes particulares e mysteriosas, e é por este motivo que os ditos rosarios

são muito procurados nos mercados de drogas, mórmente *pelas paridas,* que costumam cingir a cabeça ou um dos braços com o *Cambundo,* a fim de ficarem mediante este feitiço as suas creanças recemnascidas completamente livres de qualquer doença!

É bem sabido que o *Coix Lacryma* é uma graminea indigena da India, e como o encontrei em alguns sitios do interior da provincia crescendo espontaneo, julgo ter elle sido introduzido em Angola no tempo dos missionarios; e porque estes costumavam *presentear* os seus *recemconvertidos* com *rosarios,* penso que d'esta circumstancia se deriva o actual preconceito. Entretanto julgo dever lembrar que o *Coix Lacryma* tambem na China se cultiva frequentemente, e que estes mesmos fructos[1] nas antigas pharmacopeias allemãs se acham commemorados debaixo do nome de *Semina Lacrymae Jobi,* como *remedio diuretico e roborante,* recommendado em padecimentos *hydropicos* e na *tisica.* Vê-se portanto que esta fé, que os indigenas de Angola têem nas virtudes d'esta graminea, se está destituida de uma base solida, offerece ao menos uma interessante contribuição á *geographia dos preconceitos.*

*144 *Fel da terra de flor roxa,* e

*145 *Fel da terra de flor amarella.*—Ambas estas hervas são plantas annuaes da familia das *Gencianaceas,* e crescem com grande abundancia nos prados e varzeas de todo o sertão de Huilla; ambas podem ser empregadas convenientemente para supprir a *Erythraea centaureum* da Europa, que naturalmente ahi debalde se procura.

Produzem-se estas duas especies na primavera, emquanto o *Fel da terra de flor branca* (vid. n.º 59) não apparece senão no outono ou no principio do inverno. Todas estas tres especies de *Gencianaceas* offerecem assim durante todo o anno drogas frescas para remedios estomacaes e roborantes.

*146 *Caules de Mobiro.*—*Mobiro* ou *Mobilo* é uma trepadeira arbustiva da familia das *Plassifloraceas* e do genero

[1] O que n'esta graminea vulgarmente se considera como *semente,* não é senão o *involucro petrificado* e esmaltado, que envolve a semente.

Modecca, que frequentemente cresce nas matas virgens de Cazengo, Golungo Alto e dos Dembos, e cujos fructos ovoideos, amarellos e de tamanho de um ovo de pomba dão uma excellente limonada.

O cozimento das hasteas ou caules inculcam os curandeiros indigenas como um dos melhores remedios anthelminthicos, mórmente quando misturado com a casca da raiz de Mubango.

*147 *Salsaparrilha de Angola.*—A especie de *Smilax,* que fornece estas raizes é muito frequente em quasi todo o interior da provincia de Angola, e mesmo nos paizes altos de Benguella. Encontrei-a nos districtos de Golungo Alto, Ambaca e Pungo Andongo, e não menos abundante na planura de Huilla. Julgo ser a mesma planta de que os colonos hollandezes, estabelecidos na Cafraria, colligem e exportam em grande quantidade as raizes. Não me consta que esta droga seja applicada entre os indigenas do territorio luso-africano.

*148 *Cahémbia-hémbia.*—Esta Malvacea, que cresce em todo o interior de Angola com summa abundancia, e que forma uma especie do genero *Sida,* é geralmente empregada em logar das malvas, para decocções e banhos emollientes; como porém as variadas especies d'este genero, tão numeroso na Africa tropical, se parecem muito entre si, é mister acautelarse na escolha d'esta herva, mórmente no caso de uso interno, para não a trocar com algumas especies vizinhas, cujas hasteas pilosas largam o pello na acto da infusão, causando por conseguinte uma, aindaque pouco duradoura, irritação na garganta.

*149 *Casca de Mubafo.*—É o *Mubafo* a arvore que distilla dos seus troncos a resina chamada de *Mubafo,* a qual tambem chamam *Resina* ou *Gomma Elemi.* (Vid. n.º 94.) Applicam os indigenas o pó d'esta casca na cura de ulceras syphiliticas e escorbuticas.